



## EDITORIAL

**Halder Godinho e Carlos F. Clemente Carneiro**

**Direção dos Cadernos do Ceil**

*La fiction, par son existence même, témoigne du fait que notre vie durant nous restons indubitable d'une relation au monde [...] Beaucoup plus complexe, diversifiée et, somme toute, poétique, mais elle fait plus que de témoigner de ce fait : elle est un des lieux privilégiés où cette relation se crée d'une manière constante, répète, réactualise, réajuste – dans un processus mental permanent auquel nous ne donnons même un terme.*

**Jean-Marie Schaeffer, Pourquoi la fiction ?, p. 327<sup>1</sup>.**

A propensão filo e criogenética do homem para a ficção revela que a nossa ligação com o Real, com o Outro e até com a nossa própria identidade não finda um processo abstrato nem mesmo uma relação de afinidade entre esferas possuído. Cada uma a sua própria natureza aporética ou imenente. Implica uma constante negociação no centro da qual a narrativa (seja ela verbalizada ou implícita) desempenha o importante papel de uma imagem-ecrã mediadora que filtra, reconfigura e reequilibra, como sugere Jean-Marie Schaeffer, inconscientemente ambos os lados dessa equação cognitiva na qual se joga a relação do homem com o mundo.

O mito, como discurso que narra e a narra, a partir do silêncio indiferenciado e, por vezes, tumultuoso, das origens, a relação do sujeito com o real e com o tempo, é uma das formas mais conhecidas desse «viver narrativamente»<sup>2</sup> que caracteriza o ser humano. Dedilar o número inaugural de uma revista consagrada aos estudos sobre o imaginário a problemática da mediação narrativa surge assim como uma forma peculiar, embora discursiva, de evocar o estatuto fundador e estruturante do mito, e de reafirmar a vocação interdisciplinar dos Cadernos do Ceil.

Com efeito, a narrativa é, também ela, lugar por excelência da convergência de metodologias, saberes e visões do mundo. O conceito reconstruído de «identidade narrativa»<sup>3</sup> como espaço dinâmico da mediação e regulação da experiência e do sujeito, com implicações tanto do ponto de vista ontológico como hermenêutico<sup>4</sup>, desenvolveu, por exemplo, um papel decisivo na psicologia construtivista subordinada a uma abordagem interpretativa da cognição. Recordemos a noção de «paradigma narrativo» em Bruner<sup>5</sup>, a concepção do sujeito (paciente em Sarbin<sup>6</sup>), entre muitos outros, como construtor de significados implicando uma compreensão de si e do mundo que passa pela produção/regulação de sistemas narrativos de significação que determinam toda e qualquer experiência humana, do sonho à mais

<sup>1</sup> Paris: Seuil, 1999.

<sup>2</sup> GODINHO, H. - «viver narrativamente. A psicologia como adjectivação da experiência. Coimbra: Quetzal, 2000.

<sup>3</sup> REDEUR, P. - *Sei-moines comme un Autre*. Paris: Seuil, 1996, p. 175.

<sup>4</sup> Ver, entre outras, as reflexões em *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1985.

<sup>5</sup> Actos de significado, *para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70, 1990.

<sup>6</sup> «The narrative as root metaphor for psychology». In SARBIN, T. R. (ed) - *Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct*. New York: Praeger, p. 3-25.